

## RESENHA

### “SOBRE A CONTRADIÇÃO” DE CIRNE-LIMA<sup>1</sup>

*“On the contradiction” by Cirne-Lima*

---

Glauber Franco<sup>2</sup>

Marcos Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta é uma resenha do livro “Sobre a Contradição”, lançado em 1993, pela Editora PUC-RS, e uma homenagem ao seu autor, Carlos Roberto Velho Cirne Lima, um intelectual brasileiro falecido recentemente, em 2020. Cirne-Lima é um pensador dialético que propõe um sistema filosófico próprio, original e polêmico. Hoje, como em toda a sua vida, em tempos de revisões e correções da Lógica Clássica aristotélica e da subjetividade frente ao necessitarismo na Filosofia, Cirne-Lima é atual e merece significativa atenção. Isso porque dialoga com diferentes correntes da Dialética (Platão e Hegel) e da Analítica (Aristóteles) e as concilia no espírito atual de lógicas não-clássicas. Seu trabalho tem fortes traços neoplatônicos e neohegelianos. Nesse sentido, buscou-se, nesta resenha, apresentar o filósofo e a filosofia e responder, dentre outras coisas: qual é a ideia central do livro? Como o autor desenvolve sua proposta? Quais são alguns pontos específicos que o filósofo revisa e corrige de Hegel? Por que o livro é importante em dias atuais? Por que o autor é polêmico e original?

**Palavras-chave:** Cirne-Lima. Contradição. Revisão. Correção. Aristóteles. Hegel.

### ABSTRACT

This is a review of the book “Sobre a Contradição”, released in 1993 by PUC-RS's publishing house. It was written by Carlos Roberto Velho Cirne Lima, a Brazilian intellectual who recently died, in 2020. So this review is also a homage. Published in the 2000s, this book shows its author as a dia-

---

<sup>1</sup> DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.253770>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. E-mail: [glauber@outlook.com](mailto:glauber@outlook.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4748-3364>. Mestrando em Filosofia na Universidade Federal de Alagoas com um projeto de pesquisa acerca da natureza da contradição na contemporaneidade. Vice-coordenador no "Projeto de Extensão Entendendo a crise brasileira atual" registrado na Universidade Federal de Mato Grosso. Bacharel em Serviço Social na Universidade Federal de Mato Grosso com um Trabalho de Curso sobre as classes médias no ciclo das mobilizações entre 2013-2018.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [MarcoSilvarj@gmail.com](mailto:MarcoSilvarj@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8891-4610>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8812185124107415>.

lectual philosopher who proposes an original and polemic philosophical system. Today, as throughout his life, in times of revisions and corrections of the Aristotelian Classical Logic and of views on subjectivity in the face of the necessitarianism in Philosophy, Cirne-Lima is still important. This is because it dialogues with different streams of Dialectics (Plato and Hegel) and of Analytics (Aristoteles) and reconciles them in the current spirit of non-classical logics. It does so at a Neoplatonic-Neo-Hegelian pace. In this sense, we sought to present the philosopher and his philosophy and answer, among other things: what is the central idea of the book? How does the author develop his proposal? What are some specific points that the philosopher revises and corrects from Hegel? Why is the book important nowadays? Why is the author controversial and original?

**Key-words:** Cirne-Lima. Contradiction. Revision. Correction. Aristóteles. Hegel.

**CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. Sobre a Contradição. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1993.**

Esta é uma resenha do livro “Sobre a Contradição”, lançado em 1993, pela Editora PUC-RS, de Carlos Roberto Velho Cirne Lima, um filósofo contemporâneo, polêmico, original e reconhecido tardiamente no âmbito internacional, em específico por suas propostas de revisões e correções do filósofo alemão Hegel. Cirne Lima faleceu em 2020 e esta resenha funciona também como uma homenagem. Importammentemente, o livro traz aspectos de um intelectual que propõe um sistema filosófico próprio, mas não só, é sobre uma interpretação inédita e uma alternativa forte a possíveis revisões e erros de Hegel sobre a contradição.

Em tempos de avanço das lógicas não-clássicas, Cirne Lima afirma que se Hegel não errou, pelo menos foi confuso ao tratar dos termos contradição e contraditoriedade, assim como superdimensionou a “necessidade” em detrimento da “contingência”. É um livro da década de 1990-2000, mas que traz questionamentos de Aristóteles e Hegel insuperados na História da Filosofia, de significativo valor e que deve ser resenhado para os dias atuais. Portanto, teve-se o objetivo de não somente resenhar o específico livro, mas sim também o de apresentar a vida do filósofo com sua filosofia – dentro do possível formato.

Há muitas contribuições - tal como o projeto “CD-ROM Dialética para Todos”, uma inovação para época, que reatualiza modernamente a dialética para um público maior - mas que muitas vezes é criticado, por se encontrar sempre em fronteira com Analíticos e Dialéticos. Nesse sentido, para a resenha buscou-se responder às seguintes perguntas: qual é a ideia central do livro? Como o autor desenvolve sua proposta? Quais são alguns pontos específicos que o filósofo revisa e corrige de Hegel? Por que o livro é importante em dias atuais? Por que o autor é polêmico e original? Para qual público se recomenda o livro?

Vindo de uma linha de publicações do autor acerca de várias temáticas, como a Dialética, o Realismo, a Contradição e o Neoplatonismo, sobretudo na tradição de Leibniz, Kant, Schelling, Hegel e Marx, o livro “Sobre a Contradição” é resumo também da sua própria vida. De uma filosofia teológica com os jesuítas passa à filosofia neoplatônica e hegeliana muito por conta do seu rompimento filosófico com a teologia católica (de muitos trabalhos na instituição Companhia de Jesus), o qual circulava pessoalmente com a intelectualidade do Alto Clero (tendo sido colega do Papa emérito Bento XVI).

O livro é estruturado com um prefácio e dois tópicos principais, “1. A Contradição” e “2. Contradição e Dever-Ser”. É desenvolvido inteiramente sobre a contradição, empenhando a grande ruptura do moderno Hegel na História da Filosofia, a saber: a dialética como uma única maneira pela qual podemos alcançar a realidade e a verdade como movimento interno da contradição. Há também a consulta e revisão dos Antigos (tal como Aristóteles e Platão) e no percalço dos Medievais (tal como a constituição de uma visão histórica dos operadores lógicos). Ao mesmo tempo, Cirne-Lima é um filósofo de família católica e também anticlerical, transitando sua visão de mundo entre um Deus neoplatônico (até Hegel e Marx) e um Deus transcendental (em conflito com Karl Rahner). Em sua vida, um dos motivos maiores do seu afastamento da teologia seria em função do próprio conceito de "Deus": Deus “está aqui”, não é transcendental, diria Cirne-Lima. Isto é, vida e obra se expressam no livro: neoplatonismo e filosofia laica.

Resultado de duas palestras que deu a intelectuais europeus diversos, a ideia central do livro é tentar reconstruir um sistema neoplatônico na revi-

são e correção de Hegel, sobretudo na correção ao que ele entende como sua inclinação ao “necessitarismo”, tendo como objeto central a contradição. Em outras palavras, se estuda: “A contradição como núcleo duro e força propulsora do movimento dialético” (CIRNE-LIMA, 1993, p. 9). É possível ver mais profundamente o resultado dessas palestras em seu livro “Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico”, lançado em 2006, pela editora Edu-CS, e também em diversos artigos menores. Para a ideia central de ambos os livros, Cirne Lima aprende com Hegel, o “guardando e superando” (“Aufheben”) para enfrentar a contemporaneidade. Em outras palavras: é um filósofo contemporâneo, que tem a crítica à modernidade como algo constitutivo.

Cirne Lima contextualiza tratando do “sistema” no século XX como se a unidade da razão tivesse se fragmentado em pedaços, só se fazendo subsistemas no estudo de lógicas internas próprias. Não há mais Lógica (com L maiúsculo), há agora muitas lógicas, muitas subrazões, múltiplos sistemas, segundo o autor. A investigação da contradição se dá na crítica contra a fragmentação da razão moderna, portanto contra o calar de Wittgenstein, o entregar-se à mística da linguagem de Heidegger e o confiar-se a um vago sentimento existencial de Sartre – para alguns exemplos citados pelo filósofo.

Nisto, o que vemos, sendo avisado desde a orelha de livro por Urbano Zilles, é uma interpretação principal de que Aristóteles legou o Princípio da Não-Contradição não só logicamente, mas também ontologicamente, em que: o “é impossível” (“adynaton”) da contradição se daria apenas no seu sentido lógico modal clássico. Isto é, explica que existe em Aristóteles dois princípios que devem ser distinguidos mesmo que sejam interligados: o “Princípio Ontológico da Não Contradição” (no ser) e o “Princípio da Não-Contradição” (no pensar e no falar). O filósofo, nesse sentido, se apropria desta ideia e corrige para um “dever ser” (operador modal deôntico), ou seja, ao invés da contradição como “é impossível”, é, na correção do autor, um “não se deve”. Não é uma lógica que afirma se existe ou não a contradição, mas sim se deve existir ou não. Esta interpretação entremeia todo o livro.

Assim, compreendendo que o Princípio da Não-Contradição foi aceito quase que indiscutivelmente na História da Filosofia, mais focadamente pela Filosofia Analítica, tem-se que vige na contemporaneidade uma paz armada entre Dialéticos e Analíticos, oponentes e defensores do Princípio de Não-Contradição. No subtópico “1.1 Posição do Problema”, é possível resumir essa compreensão em um dos problemas centrais do livro da seguinte maneira: o Princípio da Não-Contradição no livro “Gama da Metafísica” de Aristóteles é lógico-semântico ou ontológico? Com essa pergunta Cirne-Lima dialoga desde Aristóteles a Hegel.

Respondendo a isso, em “1.2 Contradição e a Filosofia Analítica” explica o autor que em Aristóteles não pode haver contradição, pois ao dizer “É impossível que um e o mesmo (predicado) convenha a um e ao mesmo (sujeito) sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo; a isso sejam acrescentadas as outras ulteriores determinações contra as objeções lógicas” (ARISTÓTELES apud CIRNE-LIMA, 1993, p. 14). Sob o mesmo “aspecto” e sob o mesmo “momento” não pode haver o um fato e a sua estrita negação. Nisto, chama atenção para um problema específico do Princípio da Não-Contradição ao abstrair e refletir sobre os termos “aspecto” e “momento” e que é o pontapé inicial para enfrentar Hegel em seu objetivo geral.

O autor reclama, no subtópico, que se um princípio deve dizer e dar a entender um sentido, o Princípio da Não-Contradição não o faz, pois “regressa ao infinito” e tem uma “instrução vazia”. Isso porque, explica que o “sob o mesmo aspecto” de Aristóteles é uma “instrução aberta” de, se for o caso, precisar ulteriormente de uma predicação, isto é, determinar ulteriormente a predicação através do acréscimo “sob este aspecto” e “sob este outro aspecto”. Assim, emerge o problema lógico do “*regressus ad infinitum*” e, portanto, da natureza inócua do princípio, em que sempre que surgir a contradição por conta da “instrução aberta” (de fazer, se for o caso, as necessárias determinações ulteriores) deve introduzir os “dois aspectos diversos”. É aí, que o filósofo diz que é inadequado que alguns lógicos contemporâneos pouco conheçam a “reduplicação lógica”. Explica a “reduplicação lógica” dizendo que: se o ser contingente existente é ao mesmo tempo “G” e “não-G”. E para salvar o Princípio da Não-Contradição é preciso distinguir os diferentes aspectos do “G” que apresenta dois aspectos de

uma mesma coisa, eliminando a contradição no âmbito lógico-analítico. Gerando, aí, por sua vez, um outro problema conjunto, ao desfazer a contradição no predicado empurra-se a contradição para o “próprio G”, que agora é contraditório, já que o “G” é “G” e “não-G” - claro, se levado em consideração a contingência. Ou seja, transita-se entre uma contradição no predicado e no sujeito.

É nesse derivado problema entre uma contradição no predicado e no sujeito que Cirne-Lima, nos subtópicos “1.3 Aristóteles e o modelo de um sistema linear” e “1.4 Hegel e o modelo de um sistema circular”, entra na questão da linearidade (toda a lógica, toda a linguagem baseiam-se, em última análise, na imobilidade eterna do primeiro movente imóvel, a "arkhé") e da circularidade lógica (o primeiro e último princípio é o auto-movido). Se em um primeiro momento o filósofo se concentra no predicado, em um segundo momento analisa a contradição no âmbito do sujeito e retoma de novo Aristóteles. Dentre tudo, analisa a definição do Princípio da Não-Contradição e procura esclarecer o que quer dizer as três expressões "impossível" ("adynaton"), "convir" ("hypárkhein") e "sob o mesmo aspecto" ("katá") trazidas por Aristóteles.

Apresentaremos apenas a sua explicação da expressão “é impossível”. De todas as três abordagens acerca do “é impossível” que Cirne-Lima expõe, explica que toda a lógica formal é no fundo apenas um sistema altamente sofisticado de tautologias, pois, ao reduplicar, cria-se uma tautologia formal de proposições simples em complexas – tendo em vista o modelo de um sistema linear de Aristóteles. A partir da repetição e iteração das proposições, surgiria uma logicidade linear e sem contradição, segundo o autor. Portanto, Cirne Lima defende que onde a contradição porventura aparece, deverá logo ser eliminada com a introdução, no sujeito da predicação, de diversos aspectos. A não-contradição é conquistada e assegurada por uma “instrução aberta” que permite, em teoria, a multiplicação infinita dos sujeitos de predicados. Tal reflexão sobre a abordagem do “é impossível” dá margem para o autor, dentre tudo, reafirmar a distinção entre “é” e “deve ser” em Aristóteles e caminhar para Hegel em seu objetivo.

Por seguinte, esta interpretação dá base para chegar na correção da "necessidade absoluta" de Hegel no livro, redigindo que não é um "ser-

necessário" (um "müssen"), mas um "dever-ser" (um "sollen"), isto é, não um "ser-necessário", mas uma necessidade logicamente mais fraca como a do "dever-ser". É, assim, a categoria sintética, na qual tanto a "necessidade" lógico-formal como também a "contingência" estão "superadas e guardadas" ("Aufheben"). Esta posição lhe trará muitos comentários adversários a respeito da sua insuperabilidade a Aristóteles, uma vez que não abandona o Princípio da Não-Contradição. Portanto, Cirne Lima provoca a conciliação da ética e da lógica como um movimento que constitui todo o livro. Abrindo, assim, não somente um importante espaço para o diálogo de sistemas diferentes, abertura confluyente ao espírito contemporâneo, mas também um diálogo que o autor reconstrói desde os Antigos: a briga entre Analíticos (tal como Parmênides-Aristóteles) e Dialéticos (tal como Heráclito-Platão) - a qual ele define em "Dialética para Principiantes", publicado em 1996, pela editora EDIPUCRS. Esta seria a "Grande Confusão": as duas tradições não se comunicam com a mesma linguagem mesmo quando se aproximam de algumas maneiras.

É importante evidenciarmos algo no livro que não é tão elucidado por Cirne-Lima: a sua correção de Hegel dos termos contradição e contradi-toriedade. O filósofo gaúcho lembra em uma entrevista, que na contradição, se um pólo é verdadeiro, o outro é falso, e é impossível que ambos sejam falsos, indagando "Ora, em Hegel, tese e antíteses são falsas, e isso é possível na contrariedade, mas não é possível na contradição. Daí então se coloca a minha correção em Hegel e dizer que quando ele fala em contradição, entenda-se contrariedade" (IHU-ONLINE, 2007). É também a partir desse reconhecimento que Cirne-Lima avança para as correções de Hegel. Tal interpretação lhe rendeu uma aceitação muito solitária, não sendo muito bem aceita por muitos hegelianos, diria ele. Alguns comentadores diriam que ele é estritamente arbitrário.

Esmiuçando Hegel na maioria dos subtópicos, tal como "2.3 Hegel e a Ontologia da Não-Contradição" e seus quatro subtópicos, o autor diz que no filósofo alemão o primeiro e último princípio não são a respeito do "não-movido", mas o "auto-movido". A passagem do negativo, o não-movido, para a reflexão do "auto-movente-que-se-move-a-si-mesmo" é a chave de compreensão do pensamento de Hegel. É, pois, a diferença do sistema ló-

gico-analítico de Aristóteles e o sistema lógico-dialético de Hegel e que reserva, muitas vezes, a falta de comunicação entre Analíticos e Dialéticos.

O autor desenvolve no supracitado tópico a reconstrução do argumento de Hegel em um dado recorte que ele acha importante, para depois apresentar, no fim, “2.4 Notas para um projeto de sistema” – o qual o qualificaria como detentor de um sistema filosófico próprio. Ele interpreta que Hegel tem três rodadas que expõe dialeticamente: tese positiva, antítese negativa e síntese conciliativa. Na primeira rodada, chamada de formal, são elaboradas todas as categorias fundamentais. Na segunda rodada, chamada de “efetividade real”, tudo é retomado e refeito, “as modalidades são, aí, vistas como aspectos parciais de uma unidade realmente existente” (CIRNE-LIMA, 1993, p. 83). Na terceira rodada, chamada de “necessidade absoluta”, que também é chamada de “contingência absoluta”, constitui a “efetividade absoluta”. Sobre esta última, Cirne Lima ressalta que o “Absoluto” para Hegel é inteiramente relativo, pois cada parte é apontada para outra que aponta sucessivamente para outra e fecha em si mesmo. É um elo que começa e termina em si mesmo e ao mesmo tempo é apontada para outra parte. Porém, há uma unidade: “A efetividade pensada e determinada de maneira absoluta (tese) é, segundo Hegel, idêntica à possibilidade absoluta (antítese), ela é também idêntica à contingência absoluta (primeira síntese), como é, por igual, idêntica à necessidade absoluta (segunda síntese)” (CIRNE LIMA, 1993, p. 92). Aqui se constitui uma das maiores rupturas de Hegel com os Antigos e que o faz relevante para a contemporaneidade, em que Cirne Lima o reconstitui com muitos avisos de todo o recorte conceitual que faz ao tentar expô-lo – afinal, estamos falando de filósofos de muito envergadura.

Depois de desdobrado Hegel, em sua “2.3.3 Proposta de Correção”, o filósofo gaúcho avança afirmando que na realidade efetiva de Hegel existe uma contradição entre “necessidade” e “contingência” que se ambos os pólos, num primeiro nível se opõem e se excluem, num nível mais alto são conciliados e unificados, sem que com isso um deles desapareça ou seja diluído em benefício do outro. Aqui fica a escolha: liberdade (contingência) e necessidade (determinação). Para Cirne-Lima, Hegel inclina-se para o necessitarismo, “[...] no qual a liberdade é apenas uma necessidade interioriza-

da, no qual uma Razão do Universo, que é totalmente impessoal – e não nós mesmos -, determina o sentido da natureza e da História” (CIRNE-LIMA, 1993, p. 99). É nesse sentido que Cirne-Lima aponta para uma correção da lógica de Hegel, que “consiste em reconstruir de maneira diferente a passagem da "contingência absoluta" para a "necessidade absoluta", pois assim como Hegel a fez, ela é, se não falsa, pelo menos confusa, podendo assim induzir erro” (CIRNE-LIMA, 1993, p. 100). Desse modo, Cirne-Lima reconstrói Hegel dizendo que ao invés da “necessidade absoluta” em Hegel ser entendida como um “ser-necessário”, deve ser entendida como um “dever-ser”. Para tanto, o autor usa dois subprincípios: 1. iteração e reprodução do que é igual; e 2. multiplicidade (que explica a gênese e a complexidade das coisas e do mundo), não sendo reduzida a unidade. Ambos os subprincípios respeitam o Princípio da Não-Contradição. Existindo, assim, a contradição, mas não devendo existir, devendo os princípios harmonizarem e desfazerem a contradição. Em outras palavras, Cirne Lima apresenta teses para a correção de Hegel que tratam, em geral, que a necessidade do pensar e do ser realmente universal e oniabrangente não é um ser-necessário (“é impossível”, “é necessário”), mas um “dever-ser”. O que ele interpreta como uma tentativa de lógica-invertida: ela tem estrutura idêntica à Lógica hegeliana, só que é posta invertidamente. Recoloca a “contingência” junto com o “necessitarismo”, de igual forma que posiciona a contradição em um lugar específico o qual possa haver a distinção ontológica e analítica.

Para expor todo o livro, o autor segue uma forma na maioria do seu desenvolver intelectual: primeiro, introduzir um problema específico, como o Princípio da Não-Contradição em Aristóteles e o a lógica-dialética em Hegel. Depois, desdobrar este problema com problematizações. Por conseguinte, de explicar mais detalhadamente o problema com perguntas retóricas, redundâncias e metáforas. Em muitos casos, apresenta teses de alguns filósofos distintos e/ou lança uma hipótese própria para o problema. Por fim, resume didaticamente tudo que faz de maneira permanentemente virtuosa.

Assim, Cirne Lima desdobra seu objetivo como um ótimo professor, explicando didaticamente por todo o livro; mas, ao mesmo tempo, como um ótimo revisor e corretor, reconstruindo as ideias e as corrigindo com teses e

hipóteses gerais e específicas. Este movimento se repete em toda a argumentação do autor no livro.

Sendo assim, por mais que não seja uma discussão filosófica para iniciantes, as suas metáforas, suas introduções em dizer mais ou menos assim “olha, eu falarei isso”, recorrentes voltas para explicar o que está falando e resumos em cada ponto da argumentação, tornam o texto mais digestível. Por isso, recomenda-se o livro já para iniciantes, já que se trata de uma revisão e correção, muito embora seja possível esperar o encontro com um professor atencioso na exposição para iniciantes.

Por fim, é relevante dizer que o livro se torna importante nos dias atuais ao se inserir em um movimento contemporâneo de revisão da Lógica Clássica (com “L” maiúsculo) com propostas de lógicas não-clássicas, debatendo e revisando ideias de Aristóteles e Hegel. Da mesma maneira que se torna importante porque é um livro que tem em conteúdo uma revisão e correção do filósofo alemão Hegel, um dos mais notáveis (se não o mais notável) inauguradores modernos da História da Filosofia e que hoje se apresenta como incontornável para compreender a contemporaneidade.

Entretanto, Cirne-Lima é polêmico, pois, como diz o pensador analítico Paulo Roberto Margutti Pinto, professor aposentado da UFMG e comentarista do filósofo gaúcho, “ele provoca não só os hegelianos tradicionais, que não vêm com bons olhos a lógica formal, mas também os filósofos de tendência analítica, como eu, que não vêm com bons olhos a lógica dialética hegeliana” (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2020). Além disso, alguns dos seus críticos, sobretudo no embate do seu conceito de Deus, conceito este que investiga também com interpretações acerca da contradição, dizem que Cirne-Lima elabora postulados arbitrários, incorre em incoerências insustentáveis e conduz a generalidades absolutamente abstratas e vácuas. Outros críticos já dizem que embora neoplatônico não abandona a lógica aristotélica – dando a entender que não cumpre com a promessa. Cirne-Lima, em muitas das suas teses e hipóteses, afirma que está sozinho, ao passo que teve que se afastar ora por exílio político (por causa da Ditadura Militar-Burguesa brasileira), ora por divergências teológico-filosóficas, ora para repensar consigo mesmo caminhos diferentes.

*Recebido em 12/04/2022*

*Aprovado em 30/05/2022*

## REFERÊNCIAS

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. **Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico**. Caxias do Sul: Edu-CS, 2006.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. **Sobre a Contradição**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1993.

CD-ROM. **Dialética para todos**: CD-ROM. Disponível: [http://carloscirnelima.org/site\\_2020/cd.html](http://carloscirnelima.org/site_2020/cd.html). Acessado em: 10 abr 2022.

Instituto Humanitas Unisinos. **Entrevista com Carlos Roberto Velho Cirne-Lima (1931-2020) por Ricardo Machado**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600024-carlos-roberto-velho-cirne-lima-1931-2020>. Acessado em: 09 abr 2022.

Instituto Humanitas Unisinos. **Cirne-Lima: defensor de uma posição única no debate filosófico**. Entrevista especial com Paulo Roberto Margutti Pinto Paulo Roberto Margutti Pinto por Márcia Junges e Patricia Fachin. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/600051-cirne-lima-defensor-de-um-a-posicao-unica-no-debate-filosofico-entrevista-especial-com-paulo-roberto-margutti-pinto>. Acessado em: 09 abr 2022.

Instituto Humanitas Unisinos. **Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade**. Entrevista concedida a IHU-online. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/878-carlos-roberto-cirne-lima>. Acessado em: 09 abr 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.